

# VOCAÇÃO MINISTERIAL AUTÊNTICA

Abdenego da Guia<sup>1</sup>

## RESUMO

Servir a Deus nas mais diversas áreas é um privilégio para todo autêntico cristão (Ef 4.11,12). Significa se colocar sob a autoridade e liderança de Deus, cumprindo a Sua vontade cabalmente, movido única e exclusivamente pelo amor a Deus, que se reflete no amor ao próximo. Afinal, Deus nos chamou para o louvor da Sua glória (1 Co 10.31). Porém, o alvo principal de todo servo autêntico deve ser ganhar vidas para Cristo e o aperfeiçoamento dos santos, que leva à edificação do corpo de Cristo. Ninguém trabalhou mais do que Jesus Cristo (Jo 20.30). No entanto, seu único objetivo era servir às pessoas sem cobrar absolutamente nada em troca (Mt 20.28).

**Palavras-chave:** Deus, Amor, Servo, Autêntico, Mercenário.

## ABSTRACT

Serving God in the most diverse areas is a privilege for every authentic Christian (Eph 4:11, 12). It means placing yourself under the authority and leadership of God, fulfilling His will fully, driven solely and exclusively by the love of God, which is reflected in the love of neighbor. After all, God called us to praise His glory (1 Cor 10:31). However, the main aim of every authentic servant must be to gain lives for Christ and the improvement of the saints, which leads to the building up of the body of Christ. Nobody worked more than Jesus Christ (Jn 20.30). However, its sole purpose was to serve people without charging absolutely anything in return (Mt 20.28).

**Keywords:** God, Love, Servant, Authentic, Mercenary.

---

<sup>1</sup>Graduado em Ciências Contábeis pelo Centro de Estudos Superiores de Maceió – CESMAC. Atua profissionalmente como perito contábil extrajudicial e é servidor do Tribunal de Justiça do Estado de Alagoas desde 1985, onde atualmente trabalha na Assessoria de Planejamento e Orçamento. É membro da Assembleia de Deus em Maceió/AL, onde atua como professor de EBD da classe dos obreiros, palestrante, músico e escritor. E-mail: abi@tjal.jus.br.

## **INTRODUÇÃO**

E disse-lhes: “Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura (Mc 16.15). Esse imperativo fora dito por Jesus aos seus discípulos após a sua ressurreição. Uma das acepções do verbo pregar é propagar o cristianismo, evangelizar infiéis. Porém, no afã descuidado ou intencional, muitos “exageram na dose”, quando da execução desse honroso mister.

Em obediência ao ide de Jesus, há os que vendem mensagens bíblicas, testemunhos diversos, músicas evangélicas e até orações através do telefone, terminais de computador e até satélite.

Também há os que se propõem a pregar o evangelho preferencialmente às pessoas da classe média para cima, por acreditar que essa é a melhor maneira de transformar o Brasil. Normalmente não ensinam nenhuma renúncia e, conseqüentemente, a mudança comportamental praticamente inexistente (2 Co 5.17). Coincidentemente, por atingirem pessoas de alto poder aquisitivo, seus cofres tornam-se cada vez mais robustos.

É cada vez mais crescente o número de pastores que, paralelo ao desempenho das funções eclesiais, exercitam a psicanálise. Alguns justificam dizendo que é mais um subsídio no trabalho de aconselhamento, mesmo sabendo que muitos dos seus conceitos divergem dos da autêntica fé cristã. Outros, porém, atendem as ovelhas do seu próprio rebanho cobrando consulta, o que tem se transformado numa fonte extra de faturamento.

Há aqueles que, para pregarem o evangelho ou cantarem louvores, negociam cachê como se fossem profissionais liberais, transformando esse ministério em um negócio altamente rentável.

## **O QUE A BÍBLIA DIZ**

Depois de Abraão ter vencido o exército confederado de Sinar, Elasar, Elão e Goim, o rei de Sodoma, Bera, ofereceu-lhe todos os espólios em troca da libertação das pessoas. Mas ele não aceitou essa tentadora proposta porque o seu objetivo não era o lucro pessoal, apesar de ter todo o direito legal, pois, afinal, ele tinha arriscado sua vida e a de seus soldados para derrotar os reis invasores e salvar os prisioneiros (1 Co 6.12). Abraão vivia exclusivamente na dependência das bênçãos divinas e não da oferta de subornos (ler o capítulo 14 de Gênesis).

Demonstrando uma admirável fé, Abraão levantou a mão ao Deus Altíssimo e jurou que não ficaria com nenhum dos despojos, pois sua real intenção era servir a Deus (Gn 14.22,23; Mt 6.24).<sup>2</sup>

Balaão foi convocado por Balaque, rei dos moabitas, para amaldiçoar Israel em troca de dinheiro (Nm 22.4-7). Tal proposta, apesar de ter sido muito atraente e tentadora para Balaão, foi imediatamente rejeitada por Deus (Nm 22.12). Porém, o rei não desistiu do seu intento, fazendo-lhe outra proposta ainda mais tentadora (Nm 22.15-17). E Deus continuou rejeitando (Nm 22.20; 23.5-8,12,16-21; 24.2-11). Mas Balaão continuou tentando mudar a vontade de Deus, pois desejava usufruir das vantagens ofertadas pelo rei.

Como Deus rejeitou terminantemente a proposta de amaldiçoar Israel, Balaão arquitetou um plano para suscitar a ira divina sobre os israelitas, seduzindo-os à prática da prostituição e aos sacrifícios dos falsos deuses dos moabitas (Nm 25.1-3; 31.16).<sup>3</sup> E tudo isso por causa do amor exacerbado ao dinheiro, pois Balaão era um autêntico mercenário que vendia seus serviços religiosos a quem se dispusesse a pagá-los. Ele se utilizava da religião com o escopo único e exclusivo de auferir muito dinheiro e de satisfazer seus desejos pecaminosos, bem como para induzir as pessoas ao pecado. E por causa do seu incontrolável amor ao dinheiro, foi morto à espada (Nm 31.8; Js 13.22).

Mas, apesar de Israel ter matado Balaão, não conseguiu extirpar o legado de suas mentiras que, mesmo após passados alguns séculos, ainda continuaram influenciando os israelitas depois da conquista de Canaã (Js 22.15-18).

E esse péssimo exemplo de Balaão foi tão abominável que outros três escritores do Novo Testamento o mencionaram: Pedro (2 Pe 2.15,16), Judas (Jd 11) e João (Ap 2.14). Isto demonstra, claramente, que trabalhar para Deus com o objetivo principal de ganhar dinheiro é totalmente contrário à vontade divina.<sup>4</sup>

E o execrável exemplo de Balaão continuou sendo imitado. Geazi, servo do profeta Eliseu, foi outro que cobiçou dádivas indevidamente. Ao ser procurado por Naamã, chefe do exército do rei da Síria, Eliseu lhe determinou que mergulhasse sete vezes no rio Jordão, para ser curado da lepra (2 Rs 5.10). E após os sete mergulhos, Naamã ficou curado (2 Rs 5.14) e se converteu ao Senhor (2 Rs 5.15a e 17b). Por conta disso, como gratidão pela cura alcançada, Naamã ofereceu dádivas a Eliseu, porém, o profeta as recusou de pronto (2 Rs 5.16). E o profeta Eliseu assim agiu, primeiro, para não tomar a glória para si, pois tinha a consciência de que esta

---

<sup>2</sup> WIERSBE, Warren. *Comentário Bíblico Expositivo: Pentateuco I*, Volume 1, Santo André, SP: Geográfica Editora, 1ª edição maio de 2006, pp. 99-101.

<sup>3</sup> STAMPS, Donald. *Bíblia de Estudo PENTECOSTAL*, Rio de Janeiro: CPAD, 1ª edição 1995, p. 271.

<sup>4</sup> WIERSBE, Volume 1, 1ª edição maio de 2006, pp. 468-470.

pertence exclusivamente a Deus (Ef 1.5,6,12,14; 1 Co 10.31). Segundo, para não dar a impressão de que os presentes de Naamã tinham alguma relação com a sua salvação (Mt 10.8).

Mas Geazi, por ter presenciado tal cena, cobiçou em seu coração as dádivas oferecidas por Naamã (2 Rs 5.20). Para concretizar o seu intento, foi ao encontro de Naamã e pediu um talento de prata e duas mudas de vestes, fraudulentamente, em nome do profeta Eliseu (2 Rs 5.22). E em consideração ao nome do profeta Eliseu, Naamã atendeu o seu pedido, sem saber que estava sendo enganado (2 Rs 5.23). Geazi foi tão astuto que, além de usar o nome de Eliseu indevidamente, também usou o nome do Senhor em vão (2 Rs 5.20b; comparar com Ex 20.7), demonstrando não ter nenhum temor de Deus em seu coração (Pv 1.7). E ao concretizar esse plano malévolo, além de ter utilizado do nome de Deus em vão, Geazi estava envolvido na obra de Deus por mero interesse mercenário (1 Ts 2.1-6).

Para Geazi esta era uma raríssima oportunidade de se tornar rico imediatamente e sem esforço algum, usufruindo, dessa forma, de todas as benesses terrenas que a riqueza poderia proporcionar a si próprio e à sua família (Lc 12.15). Com tal atitude, fica subentendido que Geazi na realidade queria deixar de ser servo de Elias para administrar as riquezas facilmente auferidas, com o escopo de conseguir segurança e conforto.

Na realidade Geazi usou da credibilidade do ministério de Eliseu para ludibriar Naamã, desobedecendo, desse modo, ao estabelecido por Deus (2 Co 2.17; 4.2). O que Geazi não sabia é que com Deus não se brinca, pois tudo que o homem semear, isso também ceifará (Gl 6.7).

E, como consequência de sua cobiça, astúcia, mentira, engano e avareza, Deus o feriu com lepra e também aos seus descendentes (2 Rs 5.27). Em seu plano desastroso, Geazi imaginou que poderia deixar uma farta herança patrimonial para seus descendentes, mas ao contrário do que imaginou, deixou uma herança de grande vergonha e tristeza doravante. É que, em Israel, os leprosos eram considerados imundos e, como consequência, perdiam o direito à convivência comunitária entre as pessoas sãs (Lv 13). Por isso, Geazi não poderia mais servir a Eliseu e, conseqüentemente, perdeu seu ministério.

Ao chegar os dias de sua velhice e percebendo que estava na iminência de se afastar do cargo de juiz de Israel, Samuel teve o honroso cuidado de se submeter ao crivo da opinião pública em relação à sua integridade moral ao longo de sua vida até então, e obteve uma resposta unânime que lhe foi favorável (1 Sm 12.1-5).

Não obstante no Oriente haver uma recorrente expectativa de que as autoridades civis se aproveitassem da investidura de seus cargos para auferir dinheiro, Samuel contrariou toda essa prática por causa do seu firme propósito de obedecer ao contido na lei mosaica,

conservando sua consciência limpa diante de Deus e de todos os seus compatriotas (Ex 20.17; 23.8; Lv 19.13; Dt 16.19).<sup>5</sup>

Quando Daniel foi convocado pelo rei Belsazar para interpretar o que os dedos de uma mão misteriosa escreveu numa parte da parede caiada e iluminada por um candeeiro, foram-lhe oferecidos um manto de púrpura e uma corrente de ouro, coisas estas que simbolizavam autoridade, e ainda seria elevado ao cobiçado posto de terceira pessoa mais importante do reino babilônico. Ou seja, era uma oferta altamente atraente e, conseqüentemente, quase irrecusável. Mas Daniel rejeitou terminantemente toda riqueza e poder político oferecidos, pois o seu objetivo único era interpretar o enigma através da revelação divina (Dn 5.16,17).<sup>6</sup>

Quando Jesus ordenou aos onze discípulos que pregassem o evangelho a toda criatura, não tinha em mente a vinculação desse mister a uma fonte de renda para auferir lucro farto. Ora, se Jesus assim determinou é porque Ele mesmo foi o referencial de exemplo a ser seguido. Todo o ministério tríplice de Jesus (ensinar, pregar e curar) foi centrado única e exclusivamente na compaixão (Mt 9.35,36). Prova disto é que Ele era totalmente desprovido de bens materiais (Mt 8.20; Is 53.3). Aliás, se Jesus tivesse cobrado por tudo o que fez, seria, indubitavelmente, o evangelizador mais abastado de todos os tempos (ler Jo 20.30).

É bem verdade que, no desempenho do ministério de Jesus, algumas pessoas o serviam, pois como homem precisava comer, vestir e dormir (Lc 8.1-3; Mc 15.40,41). Ele mesmo reconheceu que aqueles que trabalham na obra de Deus, com integridade e dedicação sincera em tempo integral, são dignos de sustento (Mt 10.10; Lc 10.7; 1 Co 9.7-14; Gl 6.6; 1 Tm 5.18b). Não obstante, a motivação maior para o desempenho ministerial não deve ser o quanto receberão pelo serviço prestado, mas primordialmente deve ser a busca do aperfeiçoamento espiritual daqueles que serão atingidos, para que alcancem a medida da estatura completa de Cristo (Ef 4.11-16). Não se pode esquecer que o amor proveniente do dinheiro é a raiz de todos os males, e que nessa cobiça alguns se desviaram da fé (1 Tm 6.10).

Quando os irmãos de Samaria receberam o Espírito Santo através da oração de Pedro e João, Simão, que era mágico na cidade, lhes ofereceu dinheiro para ter esse mesmo poder. De pronto, Pedro lhe repreendeu afirmando que o dom de Deus não se alcança por dinheiro (At 8.9-24). E foi desse episódio que se originou a palavra *simonia*, cujo significado é comprar e vender cargos e privilégios eclesiásticos. A Igreja primitiva priorizava totalmente a pregação do evangelho genuíno, e não se detinha em envidar esforços para conquistar o apoio de pessoas ricas e influentes daquela época.

---

<sup>5</sup> WIERSBE, Volume 2, 1ª edição maio de 2006, pp. 227,510-513.

<sup>6</sup> WIERSBE, Volume 4, 1ª edição maio de 2006, pp. 337-338.

O apóstolo Paulo se utilizou de argumentos mais do que convincentes para mostrar aos irmãos da igreja de Corinto que tinha todo o direito de receber ajuda financeira para o seu sustento diário. Não obstante, rejeitou voluntariamente tal direito para atingir um objetivo ainda mais excelente (At 20.33-35; 2 Co 12.14-17). E para justificar o seu direito, mesmo sem opcionalmente usufruí-lo, apresentou cinco argumentos irrefutáveis, a saber:

**1) Seu apostolado (1 Co 9.1-6)** – uma das qualificações exigidas para uma pessoa ser considerada apóstolo era ter sido testemunha da ressurreição de Jesus Cristo (At 1.21,22; 2,32; 3.15; 5.30,32; 10.39-43). E essa exigência se encaixava em Paulo pelo fato de ele mesmo ter visto o Cristo ressurreto quando estava nas proximidades de Damasco, numa missão cujo objetivo único era prender os cristãos ali existentes (At 9.1-9). Aos apóstolos também foi concedido o poder divino para realizarem sinais, milagres e maravilhas, como forma de confirmar e aprovar a mensagem do evangelho por eles pregada (Hb 2.3,4). E Paulo também havia realizado vários milagres ao longo de sua carreira ministerial (At 13.9-11; 14.8-10; 16.16-18,25,26; 19.11,12; 20.9-12; 28.8,9; 2 Co 12.12).

**2) Pragmatismo lógico (1 Co 9.7)** – como é cediço, qualquer trabalhador tem como recompensa a contraprestação pecuniária pelo seu trabalho desenvolvido. E, não obstante o apóstolo Paulo mostrar que o obreiro cristão tem o direito de ser sustentado pela igreja (Gl 6.6), ele mesmo voluntariamente recusou tal benefício financeiro, para dar bom exemplo (2 Ts 3.6-9).

**3) A Lei do Antigo Testamento (1 Co 9.8-12)** – para justificar sua argumentação, o apóstolo Paulo tomou como base a citação de Deuteronômio 25.4. É bem verdade que o apóstolo Paulo também escreveu esse mesmo texto sagrado quando se dirigiu a Timóteo, incentivando a igreja a sustentar dignamente os seus pastores (1 Tm 5.17,18). E, malgrado o apóstolo Paulo ter dado a entender que a igreja de Corinto tinha a prática recorrente de sustentar financeiramente a outros obreiros que por lá passaram, ele mesmo optou por não ser beneficiário dessa prática, para não pôr impedimento algum ao evangelho de Cristo (1 Co 9.12).

**4) A prática no Antigo Testamento (1 Co 9.13)** – os sacerdotes e levitas eram sustentados pelos sacrifícios e ofertas alçadas entregues no templo pelos filhos de Israel (Nm 18.8-32; Lv 6.14-7.36; 27.6-33). Destarte, o argumento paulino era o seguinte: se a Lei mosaica previa o direito ao sustento diário dos que ministravam no templo do Antigo Testamento, não teriam igualmente esse mesmo direito os que ministravam sob a dispensação da graça?

**5) Os ensinamentos de Jesus (1 Co 9.14)** – ao que tudo indica, certamente o apóstolo Paulo estava se referindo ao que Jesus havia dito em Lucas 10.7,8 e em Mateus 10.10, ou seja, que o obreiro é digno de seu salário. É verdade que, não obstante a igreja de Corinto não ter à sua disposição uma cópia de quaisquer dos evangelhos para consultar, tinha o conhecimento dos ensinamentos de Jesus através da transmissão oral feita pelos apóstolos.

O apóstolo Paulo não tinha o direito de abdicar de sua liberdade em Cristo, mas tinha a liberdade de abdicar dos seus direitos.

Depois de provar que tinha o direito de receber apoio financeiro da igreja de Corinto, o apóstolo Paulo apresentou três motivos que o levaram a recusá-lo:

**1) Por amor ao evangelho (1 Co 9.15-18)** – como naquela época existiam muitos mestres e pregadores itinerantes espalhados nas cidades gregas, cujo escopo precípua da maioria deles era auferir benefício pecuniário, o apóstolo Paulo, além de não se utilizar da mesma prédica e estratégias desses pregadores mercenários (1 Co 2.1-5), também renuiu o dinheiro dos beneficiários de suas ministrações.

O apóstolo Paulo tinha a plena consciência de que Deus o havia chamado para ser um despenseiro, e o que se requer dos despenseiros é que cada um deles se ache fiel (1 Co 4.2). Como a grande e inefável alegria de Paulo era tão somente anunciar o evangelho de Cristo a todos sem receber absolutamente nada por isso, não oportunizava a quem quer que seja, de acusá-lo de mercador do evangelho.

**2) Por amor aos pecadores (1 Co 9.19-23)** – Mesmo sendo livre de todos os homens, paradoxalmente o apóstolo Paulo se declarava servo de todos (2 Co 4.5). Como o apóstolo Paulo se sentia livre, podia servir às pessoas abdicando de direitos que poderia usufruir, em nome do amor que nutria por todos eles. Na verdade Paulo estava imitando o exemplo deixado por Jesus Cristo, fazendo-se, com muita humildade, servo de todos (Mt 20.28; 1 Co 11.1).

**3) Por amor a si mesmo (1 Co 9.24-27)** – Paulo parecia ser um aficionado pelos esportes, pois fez menção deles para ilustrar a disciplina cristã aos seus leitores, haja vista os coríntios serem conhecedores dos Jogos Olímpicos gregos.

Como o apóstolo Paulo tinha a prática de abdicar de seus direitos e, através dessa estratégia, conquistar vidas para Cristo sem empecilho algum, teve de se disciplinar, como faz o atleta. Como o seu principal objetivo era fazer o nome do Senhor ser glorificado na vida das pessoas que ele ganhava para Cristo (1 Co 10.31), envidava todo esforço possível na concreção

desse mister. Para tanto, sacrificou toda possibilidade de efêmeras benesses inerentes à sua condição de apóstolo, para ser participante das recompensas e alegrias eternas.<sup>7</sup>

Como se pode claramente perceber, nunca fez parte dos objetivos do apóstolo Paulo a obtenção de riqueza oriunda do seu envolvimento no ministério que Deus lhe confiou aqui na terra (At 20.33 e 2 Co 12.14). Ele teve todas as circunstâncias favoráveis para acumular riquezas, em face do respeito que naturalmente conquistou através dos seus ricos e fartos ensinamentos, associados aos muitos sinais, milagres e maravilhas que havia realizado em nome de Jesus. Ademais, havia uma grande predisposição dos cristãos participantes da igreja primitiva em doar dinheiro e propriedades aos apóstolos para satisfação das necessidades dos irmãos mais pobres (At 4.34-37). Se o apóstolo Paulo quisesse, teria se aproveitado das prerrogativas de sua posição ministerial e da boa vontade dos cristãos para ter uma vida nababesca. Mas, como era temente a Deus, preferiu obedecer à voz do Espírito Santo para fazer tudo única e exclusivamente por amor ao evangelho que pregava (1 Co 9.4-18; 2 Co 11.7-12; 12.14-18; 1 Ts 2.5,6).<sup>8</sup>

Em seu profícuo ministério, o apóstolo Paulo jamais se valeu da investidura do seu cargo para exigir da igreja um tratamento especial em todos os aspectos. Ao contrário, ele sempre agiu como um excelente pai, visando ao bem-estar de seus filhos (1 Ts 2.11,12).

O exemplo de liderança sacrificial que o apóstolo Paulo deixou deve ser imitado por todos aqueles que realmente foram chamados para fazer a obra de Deus em quaisquer áreas de atuação. Para tanto, deve-se executar a tarefa com total dedicação e denodo, sempre buscando atingir a excelência no resultado a ser alcançado, na tentativa de fazer a glória de Deus ser refletida em sua vida e, em assim sendo, ser recompensado por Deus (1 Co 10.31; 15.58).

## CONCLUSÃO

O apóstolo Pedro advertiu os que exercem liderança sobre o povo de Deus, que não sejam movidos pela ambição ao dinheiro que pode ganhar, mas que devem ter como escopo principal o servir com cuidado e ânimo voluntários (1 Pe 5.2; ler também 1 Tm 3.8; Tt 1.7).

Pedro continuou afirmando que os líderes devem ser exemplo para o rebanho. Ou seja, eles só se parecerão com Cristo à medida que colocarem em primeiro lugar o servir os outros (Mc 10.45) e terão como consequência natural uma liderança respeitada e, por fim, serão

---

<sup>7</sup> WIERSBE, Volume 5, 1ª edição maio de 2006, pp. 564,783-788.

<sup>8</sup> STAMPS, Donald. *Bíblia de Estudo PENTECOSTAL*, Rio de Janeiro: CPAD, 1ª edição 1995, p. 1676.

recompensados com uma coroa de glória quando “aparecer o Sumo Pastor” na vida futura (1 Pe 5.3,4).<sup>9</sup>

Quem faz a obra de Deus não pode ser movido pela torpe ganância e avareza (1 Tm 3.3), pois caso contrário, colherá frutos bastante amargos (1 Tm 6.9-11).

Diante das claras advertências bíblicas quanto ao desapego ao dinheiro por parte dos vocacionados ao ministério, surge, inevitavelmente, uma pergunta: será que se as atividades ministeriais não suprissem as necessidades financeiras de todos os vocacionados, teríamos tantas pessoas dispostas a desenvolvê-las? Com a palavra aqueles que só enxergam cifrões na obra de Deus.

## **REFERÊNCIAS:**

WIERSBE, Warren. *Comentário Bíblico Expositivo: Pentateuco I*, Volume 1, Santo André, SP: Geográfica Editora, 1ª edição maio de 2006.

STAMPS, Donald. *Bíblia de Estudo PENTECOSTAL*, Rio de Janeiro: CPAD, 1ª edição 1995.

ARRINGTON, French. *Comentário Bíblico PENTECOSTAL NOVO TESTAMENTO*, Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 1ª edição 2003.

---

<sup>9</sup> ARRINGTON, French. *Comentário Bíblico PENTECOSTAL NOVO TESTAMENTO*, Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 1ª edição 2003, pp. 1375,1726.